

Seminário

“A Crise de Audiência no Ensino Médio”



O QUE É O INSTITUTO UNIBANCO?

Nossa missão

CONTRIBUIR PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO DE JOVENS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE.

Como?

CONCEBENDO, VALIDANDO E DISSEMINANDO PRINCÍPIOS E TECNOLOGIAS SOCIAIS QUE CONTRIBUAM PARA AUMENTAR A EFETIVIDADE DE POLÍTICAS PÚBLICAS.

Qual nosso público prioritário?

JOVENS CURSANDO ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO

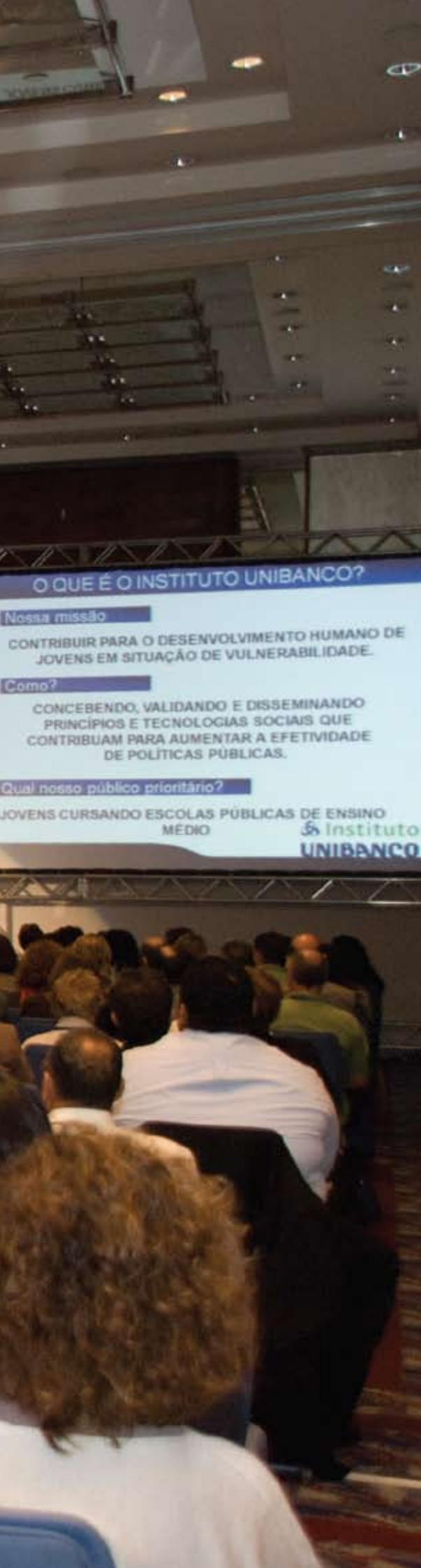
Instituto
UNIBANCO

Seminário

"A Crise de Audiência no Ensino Médio"



Instituto
UNIBANCO



Índice

- 4 **Um debate para trazer luz ao apagão de capital humano**
Wanda Engel

- 6 **Seminário traz a visão dos especialistas sobre a baixa audiência no ensino médio**

Medindo o grau de audiência no ensino médio

- 9 Ricardo Paes de Barros

Estão os jovens brasileiros abandonando a educação média?

- 10 Eduardo Rios Neto
- 11 Reynaldo Fernandes
- 12 Rosane Mendonça

Evadidos do médio: atraídos pelo mercado ou repelidos da escola?

- 13 Claudio de Moura Castro
- 14 Simon Schwartzman
- 15 João Batista Oliveira

O ensino médio no contexto da América Latina e dos países desenvolvidos

- 17 Carlos Herrán

Um debate para trazer luz ao apagão de capital humano

Esta publicação traz uma síntese das análises, ideias e proposições apresentadas por especialistas em educação, e amplamente debatidas, durante o seminário *A Crise de Audência no Ensino Médio*, que o Instituto Unibanco promoveu em dezembro de 2008, em São Paulo.

Durante o evento, tivemos a especial oportunidade de reunir uma equipe de primeira grandeza, composta por estudiosos, gestores governamentais, representantes de organismos internacionais, empresários e investidores sociais, detentores de notável conhecimento sobre os nossos sistemas educacionais.

O seminário buscou lançar luz sobre um problema de ampla gravidade e complexidade, que necessita de imediata compreensão e intervenção da sociedade e das políticas governamentais: o alto índice de evasão dos jovens nas escolas públicas de ensino médio e a consequente falta de oportunidades no mercado de trabalho que advém dessa realidade.

Vivemos hoje no Brasil um verdadeiro apagão em nosso capital humano, tão ou mais devastador do que os relacionados à infraestrutura. O cenário da educação básica mostra, claramente, que os jovens estão deixando de concluir seus estudos, principal instrumento para que possam se desenvolver e ingressar no mundo profissional, enquanto sobram postos de trabalho para a mão-de-obra qualificada.

Dos atuais 10,6 milhões de jovens, na faixa etária dos 15 aos 17 anos, apenas 48% estão no ensino médio. E dos 3,6 milhões que se matriculam anualmente na 1ª série do ciclo, apenas 1,8 milhão concluem os estudos. Na prática, metade "morre na praia", abandonando, por razões diversas que o seminário procurou desvendar, a chance de obter um diploma, passaporte indispensável para a conquista de

um bom emprego nos dias atuais.

Frente a essas incongruências, nem sempre detectadas nos dados oficiais, o evento abordou uma variedade de assuntos e perspectivas em torno da questão, que tornou evidente a necessidade de um movimento contínuo de reflexão e ação voltado para a reversão desse quadro.

As apresentações demonstraram que devem ser repensadas as metodologias de registro, análise e avaliação, tanto no nível macro quanto no micro, além de apontar para a criação de novos estudos e meios alternativos para a obtenção de dados mais confiáveis e consistentes. Como decorrência dessas conclusões, decidimos, durante a reunião técnica que antecedeu o seminário, formar um grupo de trabalho para a gestão desse conhecimento, num dos primeiros efeitos práticos do encontro.

Embora a crise no ensino médio não esteja restrita à educação, devendo ser analisada de acordo com suas múltiplas facetas sociais, acreditamos que não há problema sem solução. Adquirir conhecimentos a esse respeito, portanto, é o primeiro passo para se pensar em iniciativas conjuntas e articuladas no combate ao fenômeno.

Não se transforma o que não se conhece. Talvez por esse motivo o seminário tenha proporcionado mais perguntas do que respostas, como se verá no relato das palestras. Mas o intrincado questionamento que surgiu dos números e dados apresentados não os desmotivou a enfrentar a questão. Afinal, quando se trata de contribuir para o aperfeiçoamento da educação, nós do Instituto Unibanco somos sempre otimistas.

Wanda Engel,
superintendente do Instituto Unibanco



Seminário traz a visão dos especialistas sobre a baixa audiência no ensino médio

O que motiva um jovem a abandonar a escola, deixar de frequentá-la ou desistir de estudar? Qual o impacto social das salas de aula vazias e de um mercado de trabalho que exige cada vez mais profissionais qualificados, sem dispor desse material humano? Para responder a essas perguntas e compreender a amplitude desse fenômeno, o Instituto Unibanco realizou, nos dias 4 e 5 de dezembro de 2008, o seminário *A Crise de Audiência no Ensino Médio*.

Reunidos no Hotel Hilton, em São Paulo, 13 palestrantes e conferencistas apresentaram suas visões, dados e estatísticas sobre o tema, compondo um amplo painel sobre as vulnerabilidades e deficiências desse sistema, considerado estratégico para o desenvolvimento da sociedade brasileira e equiparação do país ao nível das nações desenvolvidas.

Os especialistas – pesquisadores, profissionais de universidades, membros de institutos, fundações e ONGs, representantes de organismos internacionais, do MEC e de secretarias estaduais de educação – compartilharam, com as mais de 300 pessoas presentes ao evento, informações de grande valia para a compreensão dessa problemática, indicando propostas factíveis para a sua superação.

A abertura do evento, no dia 4, contou com a participação do presidente e do vice-presidente do Conselho de Administração do Instituto Unibanco, Pedro Moreira Salles e Pedro Malan, da

secretária de Educação Básica do MEC, Maria do Pilar Lacerda Almeida e Silva, que representou o ministro da Educação, Fernando Haddad, e da superintendente do Instituto Unibanco, Wanda Engel. Também marcaram presença na cerimônia personalidades do meio educacional, como a coordenadora da Comissão de Articulação do movimento Todos pela Educação, Milu Villela.

Pedro Moreira Salles destacou a importância dos jovens para o crescimento sustentável do país. "Na fase atual de nosso desenvolvimento, caracterizada como a economia do conhecimento, as exigências são maiores. Os postos de trabalho exigem habilidades e competências que só podem ser garantidas com um mínimo de 11 anos de estudos, trajetória que compreende a conclusão do ensino médio", ressaltou.

Associando essa necessidade imperativa a números, o presidente do Conselho de Administração do Instituto Unibanco explicou que o Brasil deixa de crescer meio ponto percentual ao ano, em função dos problemas que assolam sua juventude. Com esse fator de limitação, em 40 anos abrirá mão de acrescentar aproximadamente R\$ 300 bilhões ao PIB nacional.

"Divulgar esse problema, de forma a colocá-lo na agenda pública, é um importante passo no esforço direcionado para assegurar que nossos jovens permaneçam no ensino médio e concluam o ciclo com qualidade, como propõe o Instituto Unibanco", declarou Pedro Moreira Salles.

O vice-presidente do Conselho de Administração do Instituto Unibanco, Pedro Malan, também mostrou sua preocupação com a questão. "Apesar dos progressos na universalização do ensino básico, a educação brasileira continua abaixo de nossas expectativas. Em nenhum outro setor é tão importante uma concentração de corações e mentes para se recuperar o atraso e o tempo perdido", disse.

Para ressaltar a defasagem do Brasil em

"Divulgar as deficiências do ensino médio é uma forma de colocar o tema na agenda pública, um importante passo para assegurar que nossos jovens permaneçam na escola e concluam esse ciclo com qualidade, como propõe o Instituto Unibanco"

Pedro Moreira Salles



relação a outras nações, Malan citou a Coreia do Sul, que até recentemente era uma colônia e enfrentou um difícil período de guerra civil. "Na década de 50, o país possuía pouco mais da metade da renda per capita brasileira. Hoje, graças à sua aposta na educação, seu rendimento per capita é pelo menos duas vezes e meia superior ao do Brasil", argumentou.

De acordo com o vice-presidente, todos os professores sul-coreanos que lecionam no ensino médio têm curso universitário e 93% possuem mestrado em sua especialidade educativa. "Indicadores como esses precisam servir de exemplo para nós", conclamou.

Depois de enfatizar a importância de se promover eventos como o realizado pelo Instituto Unibanco, a secretária de Educação Básica do MEC, Maria do Pilar Lacerda Almeida e Silva, afirmou que, embora o país tenha evoluído nos últimos 20 anos, no sentido de ampliar o acesso à educação, há ainda uma grande dívida social, existente desde o século 18. "Não há soluções mágicas para resolver um problema dessa magnitude. Por essa razão, governo, escola e terceiro setor devem se unir

"Apesar dos avanços recentes, a dívida social com a educação ainda é imensa no Brasil, uma herança que se prolonga desde o século 18. Não há soluções mágicas, só a união de governo, escola e terceiro setor pode equacionar e produzir ações"

Maria do Pilar Lacerda Almeida e Silva

para equacionar e produzir ações", salientou.

Apresentando as motivações que levaram o Instituto Unibanco a realizar o seminário, a superintendente Wanda Engel explicou que a audiência no ensino médio ainda é um tema pouco debatido na agenda educacional. "Haverá realmente uma crise de audiência? E, se existe, por quais razões não é claramente detectada?", perguntou.

Como resultado de sua ação prática, o Instituto Unibanco já tem comprovado essa deficiência. "Nos projetos Jovem de Futuro e Entre Jovens, que desenvolvemos, conseguimos intervir na questão do desempenho escolar, mas as salas de aula, que deveriam ter de 40 a 50 alu-

nos, continuam com um número reduzido de estudantes”, argumentou a superintendente.

“O objetivo do seminário, portanto, é construir conhecimento sobre uma situação que é fruto de nossa prática cotidiana e merece discussão mais ampla e substantiva”, complementou Wanda.

Projetos premiados

Durante a cerimônia de abertura do seminário também foram premiadas as escolas públicas de ensino médio que participaram do concurso *O desafio do ensino médio: como evitar que os jovens abandonem a escola?*, promovido pelo Instituto Unibanco.

Das 165 propostas que concorreram, provenientes de todo o país, foram selecionadas as 26 que apresentaram melhores soluções para a permanência e conclusão dos alunos nesse ciclo escolar. Os projetos vencedores, de 18 estados, receberam apoio financeiro do Instituto Unibanco para implementação e, posterior-

“Com nossos projetos, conseguimos intervir na questão do desempenho escolar no ensino médio, mas nossa experiência mostra que as salas de aula continuam com poucos alunos. Movidos pela constatação prática, acreditamos que essa problemática merece uma discussão mais ampla e substantiva”

Wanda Engel

mente, as experiências mais relevantes servirão de fonte de pesquisa.

Análises técnicas

Antes das apresentações dos palestrantes, o primeiro dia do encontro foi dedicado a uma reunião técnica, com 42 especialistas, que teve como tema *A falta de participação dos jovens na educação média*.

Compartilharam dados e estatísticas, utilizados na construção de um detalhado painel sobre a situação do ensino médio no Brasil, os especialistas Elaine Toldo Pazzello (Inep/MEC), Simone Wajnman (UFMG) e Ruben Klein (Cesgranrio). As análises dessa etapa de trabalho embasaram a apresentação do pesquisador Ricardo Paes de Barros (Ipea), que abriu o seminário, no dia 5.

Além das palestras, divididas em duas mesas e coordenadas por Vanessa Guimarães, secretária de Educação de Minas Gerais, e Carlos Artexes, diretor da Secretaria de Educação Básica do MEC, a programação foi complementada por apresentações especiais.

Mirela Carvalho (Ipea), mostrou o funcionamento dos Aplicativos Computacionais, desenvolvidos pelo Instituto Unibanco, que serão colocados à disposição de secretarias de educação, escolas e pesquisadores no site da instituição (www.institutounibanco.org.br).

Mozart Neves, do movimento Todos pela Educação, e Norman Gall, do Instituto Fernand Braudel, apresentaram conferências durante o evento, que também contou com depoimentos de convidados, como a secretária de Educação de São Paulo, Maria Helena Guimarães Castro.



“Na década de 50, a Coreia do Sul, país assolado por uma guerra civil, possuía a metade da renda per capita brasileira. Hoje, graças à aposta na educação, seu rendimento per capita é pelo menos duas vezes e meia superior ao do Brasil”

Pedro Malan

Medindo o grau de audiência no ensino médio

■ Ricardo Paes de Barros

Pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e membro do Conselho de Administração do Instituto Unibanco.

“Se existe uma crise de audiência e se vamos resolvê-la, precisamos, antes, saber exatamente o que significa uma crise de audiência”, propôs o pesquisador do Ipea na abertura dos trabalhos do seminário. Após identificar, na reunião técnica realizada no dia anterior, os pontos convergentes e aqueles que exigem melhor análise para o aprofundamento da questão, Paes de Barros apresentou, em sua palestra, dados que indicam a necessidade de uma compreensão mais apurada do fenômeno.

“Para encontrar a razão dessa crise é fundamental mensurar sua magnitude, pois o fenômeno tem várias dimensões, que devem ser isoladas e quantificadas”, avaliou o especialista, indicando alguns fatores.

Segundo o pesquisador, há uma visão restritiva que aponta os próprios jovens como os principais culpados pela crise de audiência no ensino médio, devido ao aparente desinteresse pela educação. Na avaliação do grupo de especialistas reunido no seminário, no entanto, a crise deve ser investigada de forma analítica. “Se há falta de interesse dos jovens, devemos identificar claramente as razões desse fenômeno”, salientou.

De acordo com os dados analisados por Paes de Barros, haveria uma dupla crise: a de oferta de oportunidades e de aproveitamento dessas oportunidades. “O desinteresse do aluno em não ir à aula é parte do problema, mas há também a falta de vagas, escolas inadequadas, ensino de má qualidade, além de outros fatores, como o custo do transporte, que têm impacto na permanência do jovem na escola”, destacou.

Como instrumento de avaliação da extensão do fenômeno, o pesquisador propôs um indicador que permite medir o grau de audiência do ensino médio, em suas diversas dimensões. O sistema cruza dados como a proporção de



“A crise de audiência tem várias dimensões. O desinteresse dos jovens pela educação parece ser uma delas, mas é preciso compreender melhor a razão desse fenômeno”

jovens na escola, duração do ano letivo, tempo de frequência e os períodos da jornada escolar e dos estudos em casa.

“Considerando a carga de quatro horas e que o aluno estuda, espontaneamente, mais 60 minutos por dia, concluímos que o jovem tem apenas 250 horas anuais de educação no ensino médio, ao invés das 1.500 necessárias”, detecta Paes de Barros.

Acrescenta-se a essa realidade, a falta de informações detalhadas sobre a real situação do aluno. “Precisamos esclarecer se o estudante não evoluiu de série em função do abandono dos estudos, reprovação ou retenção por faltas”, ponderou.

Esses aspectos somados, na concepção de Paes de Barros, podem indicar que a questão da audiência no ensino médio oculta uma crise ainda maior no sistema educacional. E descobrir os indicadores que faltam para compreender o problema, visualizando sua verdadeira extensão, é o primeiro item na busca de soluções. Só assim, argumentou, a sociedade brasileira poderá avançar no sentido de garantir uma educação média de qualidade, com um número satisfatório de horas de ensino por ano.



Estão os jovens brasileiros abandonando a educação média?

A primeira mesa do seminário teve como mediadora a secretária de Estado de Educação de Minas Gerais, Vanessa Guimarães, que coordenou as palestras de três especialistas. As apresentações dissertaram sobre as múltiplas questões que envolvem a evasão escolar no ensino médio.

■ Eduardo Rios Neto

Professor titular do Departamento de Demografia e pesquisador do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar), da Universidade Federal de Minas Gerais.

Em sua palestra, o docente da UFMG enfatizou que tão preocupante quanto a problemática do ensino médio são os desafios de progressão na 5ª série do ensino fundamental e, posteriormente, de aprovação no primeiro ano do ensino superior, períodos em que um grande

número de alunos desiste de dar continuidade aos estudos.

A partir de taxas do sistema de Probabilidade de Progressão por Série (PPS), desenvolvido com base em pesquisas domiciliares, Eduardo Rios vem calculando o tempo médio de estudo da população na faixa etária dos 7 aos 25 anos. Segundo o pesquisador, completar com sucesso a primeira série do ensino fundamental é uma barreira histórica já superada. O nó atual, nesse grau de ensino, seria a conclusão da 5ª série.

De acordo com o professor da UFMG, os

dados mostram que esse ano é mais crítico do que a transição do ensino fundamental para o médio. "Mesmo pouco abordada nos compêndios de educação, a 5ª série é estratégica, pois é a primeira na qual se tem mais de um professor, além de agregar outros fatores de transição", lembrou.

Equacionar a progressão nesse período, na opinião de Rios, é indispensável para se pensar na questão do ensino médio, pois os sistemas funcionam como vasos comunicantes. "Se o Brasil quer aumentar o tempo de estudo no secundário necessita dar mais atenção à 5ª série, pois o ensino médio depende dessa progressão", contemporizou.

Em relação ao ensino médio, o pesquisador avalia que o ciclo de vida é mais determinante para a evasão do que a situação socioeconômica. "A idade do aluno pesa mais na decisão de deixar a escola. E as políticas públicas não contemplam devidamente esse fenômeno, confundindo juventude, um estágio de transição para a vida adulta, com classe social", explicou.

Outro ponto considerado crítico na educação dos jovens brasileiros, de acordo com os



"Se queremos aumentar o acesso ao ensino médio, é indispensável dar mais atenção à 5ª série"

dados do pesquisador, é a primeira etapa do ensino superior, tanto público quanto privado. "Depois de concluir o ensino médio e passar no vestibular, o grande desafio é cursar os dois primeiros semestres da universidade para, então, ingressar no segundo ano. De cada grupo de 100 alunos, apenas 30 conseguem", afirmou.

Ao ultrapassar essa fase, na qual a maioria dos alunos abandona os estudos, o jovem quase sempre consegue concluir o ensino superior, argumentou o professor da UFMG.

■ Reynaldo Fernandes

Presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), entidade vinculada ao Ministério da Educação, e professor titular do Departamento de Economia da FEA-RP/USP.

Para buscar respostas à questão do abandono no ensino médio, o presidente do Inep concentrou sua análise em dados de cobertura e fluxo do sistema, comparando-os com as estatísticas do ensino fundamental.

Com esse enfoque, a primeira constatação é que o contingente de alunos que chega à 8ª série do ensino fundamental, estando apto a ingressar no ensino médio, aumentou significativamente até 2002, estabilizando-se, com indicação de pequena queda, a partir desse período. Mas há, ainda, um volume significativo de jovens que deixam o sistema após a conclusão da 8ª série.

Utilizando dados de matrículas aplicados

à taxa de aprovação nessa série, Reynaldo Fernandes concluiu que uma das explicações para o fenômeno da falta de alunos no médio é que o ensino fundamental está deixando de preparar estudantes para o ingresso nesse ciclo. "O fluxo está ruim, estagnado, com as taxas atuais de aprovação na 8ª série muito parecidas com as de 1996", contabilizou o presidente do Inep.

Outra observação do especialista é que a não-aprovação no ensino médio, por reprovação ou abandono, ainda é alta. Em 2007, a taxa foi de 33% na 1ª série do ciclo, enquanto em 1996 o indicador foi de 38% para o mesmo grupo de alunos.

O número de matrículas também oscilou, tendo aumentado 60%, de 1996 a 2004, para posteriormente cair 9%, no período de 2004 a 2007. "No primeiro momento, a evolução ocorre em função da melhoria dos indicadores de fluxo do ensino fundamental, ao contrário



"A partir de 2002, o fluxo para acesso ao ensino médio ficou estagnado, indicando que o ensino fundamental está deixando de formar alunos para esse ciclo"

do que aconteceu na segunda etapa", analisou Fernandes. A boa notícia é que, a partir de então, cresceu a proporção de alunos que passaram a frequentar o ensino médio com a idade adequada.

A queda nas matrículas, verificada a partir de 2002 e agravada pela evasão escolar, corrobora a tese de que o ensino fundamental deixou de formar alunos aptos a progredir de ciclo. Na opinião do presidente do Inep, "o fenômeno mostra que, se há uma crise no ensino médio, trata-se de um problema fundamentalmente endêmico".

■ Rosane Mendonça

Professora adjunta do Departamento de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFF) e pesquisadora colaboradora do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

A partir de dados do Censo Escolar, PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) e Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica), a professora da UFF traçou um quadro das várias faces da evasão e do abandono no ensino médio, mostrando em que medida esses fenômenos variam de acordo com o ambiente familiar.

Como ponto de partida, informou que, em 2007, 18% dos jovens, de 15 a 17 anos, não frequentaram a escola, e que 50% desse contingente também não trabalharam durante o ano. "Entre os que concluíram o ensino fundamental, mas não ingressaram no ensino médio, mais de 50% não tiveram trabalho formal na ocasião", detectou Rosane Mendonça.

Já em 2005, segundo a pesquisadora, de cada grupo de 100 jovens matriculados no ensino médio, 17 abandonaram os estudos, enquanto a taxa de evasão foi de 10% no período.

Ao analisar a desigualdade de oportunidades, a professora da UFF observou que, dos jovens que concluíram o ensino fundamental mas não chegaram ao ciclo médio em 2007, 70% eram de baixa renda. Entre os que não estudaram, nem trabalharam no período, 71% também eram de baixa renda. "Essa dis-

paridade também coloca em lados opostos o Nordeste do Sul e Sudeste, economicamente mais ativos e que vêm reduzindo suas taxas de abandono", disse.

Quando se avalia a existência de oportunidades reais para os jovens e se elas estão sendo devidamente aproveitadas, segundo a pesquisadora, a intervenção familiar ganha função estratégica. "É comum abordar apenas a falta de interesse dos alunos, mas a família tem papel fundamental nesse processo, oferecendo orientação, apoio e estrutura", destacou a especialista.



"Os aspectos econômicos, vinculados aos indicadores de abandono no ensino médio, colocam em oposição os jovens de baixa renda dos demais"



Evadidos do médio: atraídos pelo mercado ou repelidos da escola?

À tarde, o seminário reuniu um novo grupo de especialistas, que analisou as inter-relações entre trabalho e educação formal e o impacto das políticas educacionais na qualidade do ensino oferecido aos jovens no Brasil. As palestras tiveram como mediador Carlos Artexes, diretor da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação.

■ Claudio de Moura Castro

Presidente do Conselho Consultivo da Faculdade Pitágoras e membro do Conselho de Administração do Instituto Unibanco.

Com o tema *Sugado pelo mercado ou fugitivo da escola?*, o especialista apresentou visões, quase sempre antagônicas, que permeiam as discussões técnicas sobre a influência do trabalho na trajetória educacional do jovem brasileiro.

Segundo Claudio de Moura Castro, há duas explicações clássicas para embasar a ausência

do estudante na escola. A primeira, de origem econômica e geralmente associada à esquerda, diz que o fenômeno está relacionado à pobreza, que condiciona o jovem a trabalhar para ajudar a família e prover seu sustento. A outra concepção, vinculada ao ideário da direita, prega que não há um imperativo do mercado, mas o interesse espontâneo do aluno em deixar os estudos, por considerar a escola desinteressante e desestimulante.

Para encontrar a resposta à questão, que de acordo com o especialista tem impacto na

formulação das políticas educacionais do país, deve-se questionar o mundo real do jovem, buscando interpretar, nas pesquisas disponíveis, os indicadores que determinam o desempenho e a evasão da escola.

“Quando examinamos essas variáveis, concluímos que a evidência preponderante é a que aponta para a fuga do estudante. Não se trata, portanto, da atração do mercado, mas de um movimento de repulsão da escola”, salientou Moura Castro.

Por decorrência, a escola mostra-se plenamente compatível com o trabalho. “Mas não deveria ser”, advertiu o especialista. “Um bom sistema educacional absorveria tanto tempo do aluno que inviabilizaria outras atividades”, ponderou.

Com base nesse raciocínio, Moura Castro fez comparações entre os jovens matriculados no ensino médio nas regiões Nordeste, Sul e Sudeste. “Se a hipótese de que o aluno deixa de estudar para trabalhar estivesse correta, teríamos mais gente trabalhando no Nordeste. E a realidade mostra que, além de haver menos estudantes nos estados nordestinos, o número de pessoas empregadas também é menor”, argumentou.

Outro ponto que o especialista considera importante para esclarecer a evasão escolar é o fato de haver mais jovens deixando a escola do que ingressando no mundo de trabalho. “Para muitos evadidos, não houve atração do mercado, uma vez que continuam desempregados. São dados que não coincidem”, observou.

Aceita a tese de que o estudante não sai da escola para trabalhar, o questionamento se vol-



“Mais do que atraído pelo mercado de trabalho, o jovem é repellido pela escola”

ta para o motivo que o leva a tomar tal decisão. Moura Castro acredita que são muitas as razões, a começar pela tradição escolar de decorar e não aprender. “A escola se preocupa apenas em martelar o nome dos afluentes do rio Amazonas para que o aluno jamais esqueça”, disse.

Outro fator são os currículos extremamente complexos, voltados para ensinar temas que estão fora da realidade de qualquer estudante mediano. Além disso, a maioria dos professores é mal selecionada e mostra-se despreparada para ensinar, ressaltou o especialista.

Não bastassem tais distorções, o Brasil é o único país do mundo que só tem um ciclo para os alunos do ensino médio, enquanto as nações desenvolvidas oferecem diversas alternativas curriculares. Tal cenário levou Moura Castro a concluir: “O conceito de manter a mesma escola para todos só existe aqui. E, como dizem, se não é jabuticaba e só tem no Brasil, não deve servir para nada”.

■ Simon Schwartzman

Pesquisador do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (IETS) e membro da Academia Brasileira de Ciências.

Ao dissertar sobre o tema *Políticas educativas para os que ficaram para trás*, o pesquisador analisou o cenário excludente do ensino médio e as dificuldades de acesso ao mundo do trabalho por parte dos jovens excluídos do sistema.

De acordo com Simon Schwartzman, os indicadores mostram que há um grande número

de alunos, na faixa dos 14 anos, que abandona o ensino médio. “E o que se faz com esse contingente de pessoas, principalmente no cenário atual, em que o mercado de trabalho exige cada vez mais a formação nesse ciclo?”, perguntou.

Para fundamentar o problema, o pesquisador informou, com base em evidências, que o jovem não deixa a escola impulsionado pelo trabalho. A maior pressão para a evasão escolar costuma ser a idade, em razão dos seguidos anos de repetência. “Os que chegam aos 14 anos defasados na série em que estão

matriculados não conseguem aprender e desistem”, explicou.

Outro dado crítico é que a taxa de desemprego é maior entre os jovens que se aproximam da conclusão do ensino médio, mas não conseguem efetivamente se formar. “O mercado é implacável com esse público, pois exige o diploma, considerado pelos empregadores uma referência de que o candidato detém



“O que fazer com os jovens excluídos do ensino médio, principalmente quando o mercado de trabalho exige cada vez mais a formação nesse ciclo?”

qualificação formal e domina algum conhecimento”, afirmou Schwartzman.

Ao analisar, com base na renda, a situação dos que não estudam e nem trabalham, a conclusão é igualmente dramática. Há mais de 40% dos jovens nessa situação, segundo o pesquisador: “A população de baixa renda não abandona o estudo por causa do trabalho, a realidade é que não trabalha por falta de uma colocação profissional”.

Em busca de alternativas para esse quadro, as políticas governamentais têm dado ênfase à Educação de Jovens e Adultos (EJA), procurando levar de volta à escola os que foram excluídos do sistema, a partir dos 15 anos. A prática, no entanto, mostra que, a partir de determinada idade, os que não desenvolveram competências cognitivas essenciais dificilmente conseguem dominar o currículo do ensino médio.

Reconhecendo esse caminho como válido, na medida em que busca ajustar o fluxo educacional e recuperar esse público, formado por pessoas até a faixa etária dos 40 anos, Schwartzman sugere que também se direcione esforços para capacitar profissionalmente os jovens evadidos da escola. “Há um campo de possibilidades e só estamos engatinhando na tarefa de educar e integrar essas pessoas à sociedade e ao mercado de trabalho”, garantiu.

■ João Batista Oliveira

Presidente do Instituto Alfa e Beto.

As distorções provocadas pelo vestibular como referência de ensino e a necessidade de se diversificar o ciclo médio foram alguns dos fatores enumerados, na apresentação do especialista, como responsáveis pelo sucateamento do sistema educacional no país.

“O ensino médio, na forma como está estruturado, é inviável e para ser levado à frente, equiparando-se ao de nações mais desenvolvidas, requer muitas mudanças”, assegurou o presidente do Instituto Alfa e Beto.

A primeira delas, segundo João Batista Oliveira, é mudar o caráter acadêmico do ciclo, que



“Se o sistema educacional penaliza os jovens, sobretudo os de baixa renda, tudo indica que o modelo está equivocado”



tem currículo elitista e direciona-se basicamente para o vestibular. Tal como está formatado, o exame exige um nível de conhecimento sobre diversas disciplinas que não condiz com a realidade do aluno, ou com seu objetivo de estudo, além de funcionar como fator restritivo para estudantes de baixa renda, geralmente menos preparados.

Um dos efeitos desse processo é evidenciado pelo grande contingente de jovens que abandona a universidade no meio do curso. “Se nós penalizamos tão fortemente nossos alunos, sobretudo os mais pobres e despreparados, tudo indica que o modelo educacional está equivocado”, contemporizou o especialista.

Para romper com esse paradigma, Oliveira propõe a diversificação, a busca de novas alternativas para a formação educacional e profissional. “Precisamos separar o que é ensino médio, dedicado a jovens na faixa dos 14 anos, do que não é. Nenhum país desenvolvido canaliza

todos os seus alunos para o mundo acadêmico, isso só é regra aqui”, disse.

Ao se mudar essa concepção é possível o estabelecimento de novas conexões com o mundo do trabalho e das ocupações, principalmente na área de serviços, que oferece amplo leque de atividades, como acontece nas economias globalizadas.

O presidente do Instituto Alfa e Beto também apresentou caminhos para promover essa ruptura, como a melhoria da estrutura das escolas e a formação de gestores sintonizados com a nova cultura. “Assim será possível atrair jovens, provenientes do ensino fundamental, com nível de conhecimento à altura do programa curricular. Enquanto a nossa média no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) estiver em torno dos 200 pontos, não teremos estudantes capacitados para o ensino médio, apenas um curso que nada tem a ver com o aluno”, prognosticou.

O ensino médio no contexto da América Latina e dos países desenvolvidos

■ Carlos Herrán

Economista sênior de Educação do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e autor de diversas publicações sobre educação, pobreza e desigualdade na América Latina.

“Os países da América Latina estão tentando competir com as nações desenvolvidas, em termos de recursos humanos, mas não revelam condições para isso”. A constatação, feita pelo especialista do BID em sua apresentação, mostra a defasagem educacional na região, principalmente em relação ao ensino médio, e o longo percurso a ser empreendido para a reversão de nossos indicadores negativos nesse campo.

Carlos Herrán disse que, embora a escolaridade média da população adulta tenha duplicado na América Latina e Caribe durante duas gerações, de 1960 a 2000, o ensino secundário está sendo concluído, atualmente, por uma parcela ainda pequena das populações da região. “A partir de 1990, menos da metade dos jovens, até 24 anos, termina o ensino médio”, ressaltou.

Em relação a esses indicadores, o Brasil manteve-se na média do continente, enquanto outros países avançaram mais, como Chile, Uruguai e Argentina, nação que, em termos de ensino secundário, se aproxima dos padrões de países desenvolvidos.

No contexto global, apesar dos progressos educacionais da América Latina nas quatro décadas anteriores, os avanços são muito lentos, em relação aos membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD). “As nações desenvolvidas mantiveram seus níveis de qualificação pós-secundária, enquanto países que ainda não estavam nesse patamar, como Japão e Coreia do Sul, evoluíram rapidamente, deixando nossa região para trás”, explicou o economista sênior do BID.

Em 20 anos, somente a Coreia do Sul, que antes tinha menos da metade da população com algum estudo pós-secundário, passou a



“Nenhum país desenvolvido tem resultados educacionais tão limitados quanto os da nossa região continental”

ter 100%. “O fenômeno explica o rápido progresso da educação em nações onde a economia do conhecimento é levada a sério”, atestou Herrán. Enquanto isso, México, Brasil, Chile e Argentina, que possuem os melhores indicadores regionais, continuam no patamar que o país asiático apresentava há 40 anos.

Ao explicar as razões que levam o ensino médio a ser o elo mais fraco dos sistemas educacionais na América Latina, o especialista ressaltou que a crise, antes de ser um problema de acesso à escola, é um efeito da má qualidade do ensino fundamental.

Tomando como referência as avaliações do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), os melhores estudantes da América Latina se equiparam apenas aos mais fracos das nações da OECD. “Nenhum país desenvolvido tem resultados tão inexpressivos quanto os do nosso continente”, reconheceu Herrán.

Ao fazer um balanço dessa realidade adversa, o economista sênior do BID concluiu: “Certamente, nossos indicadores deixam a desejar. Mas precisamos nos espelhar pelos expoentes do mundo, pois são com eles que iremos concorrer”.

Seminário
"A Crise de Audiência
no Ensino Médio"

Seminário
"A Crise de Audiência
no Ensino Médio"



Publicação do Seminário
A Crise de Audência no Ensino Médio,
promovido pelo Instituto Unibanco
em dezembro de 2008.

Instituto Unibanco

Superintendente Executiva:
Wanda Engel

Coordenação:
Luciana Nicola

Texto:
Humberto Manera/Next Comunicação

Projeto gráfico e editoração:
Studio 113

Fotografias:
Renato Rebizzi

Impressão:
Leograf



Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado com o selo do FSC (Conselho de Manejo Florestal) e de outras fontes controladas. A certificação segue padrões internacionais de controles ambientais e sociais.



www.institutounibanco.org.br